

# Antropología ibero-americana no Nordeste do Brasil

## Ibero-American Anthropology in Northeastern Brazil

Mário Helio Gomes de Lima

Academia Pernambucana, Recife

### Resumen

El artículo es una aproximación histórica y analítica, con una evaluación crítica de la antropología brasileña, desde un punto de vista específico en el Nordeste del país. Se centra en la antropología desde sus inicios hasta la actualidad, destacando algunos de los autores e instituciones más destacados que, a lo largo del tiempo, y de acuerdo con los cambios en las mentalidades y concepciones científicas, han ido construyendo y moldeando el pensamiento cultural y académico. Antropólogos como Nina Rodrigues, Gilberto Freyre, Arthur Ramos y otros ven revisada su contribución al conocimiento antropológico. Se concluye con las iniciativas más recientes promovidas en el marco de la cooperación académica entre España y Brasil, con énfasis en los programas de postgrado en antropología de la Universidad de Salamanca.

Palabras clave: Iberismo, Historia, Portugal, España, Antropología del Nordeste brasileño, Desarrollo académico, Instituciones culturales, Gilberto Freyre, Nina Rodrigues.

### Abstract

The article is a historical and analytical approach, with a critical evaluation of Brazilian anthropology, from a specific point of view in the North-east of the country. It focuses on anthropology from its beginnings to the present day, highlighting some of the most prominent authors and institutions that, over time, and according to changes in mentalities and scientific conceptions, have been building and moulding cultural and academic thinking. Anthropologists such as Nina Rodrigues, Gilberto Freyre, Arthur Ramos and others have their contribution to anthropological knowledge revisited. It concludes with the most recent initiatives promoted within the framework of academic cooperation between Spain and Brazil, with emphasis on the anthropology postgraduate programmes at the University of Salamanca.

Keywords: Iberism, History, Portugal, Spain, Anthropology of the Brazilian Northeast, Academic development, Cultural institutions, Gilberto Freyre, Nina Rodrigues

---

Escrever sobre a *antropologia ibero-americana* no Nordeste do Brasil implica em reconhecer a ambiguidade e a polissemia da expressão grifada e suas derivações. A Ibero-Americanidade e o Ibero-Americanismo são abstrações. Não separadas, é claro, dos vínculos com a realidade tangível imaginada, mas cujos sentidos são invenções da racionalização proposta pelos que atuam na cultura, política e meios acadêmicos. Levando-se em conta que há um iberismo político, econômico e cultural, sendo o propósito deste artigo focar a antropologia, é nesse último que concentrará o seu enfoque. Portanto, está claro que as citadas expressões têm sentidos diversos, segundo quem as formula, aceita ou recusa, e variam conforme os seus contextos.

O caráter geral e específico e o conteúdo ideológico estão presentes na ideia *ibero-americana*. De antemão, reconhecidos seus fundamentos na história, na geopolítica, na educação, nas práticas investigadoras e nas mentalidades que as sustentam. Este artigo pretende situar o tema da antropologia ibero-americana no Nordeste do Brasil. Os seus pontos problemáticos serão vistos *à vol d'oiseau*.

As primeiras perguntas: o que pretende alguém significar com a expressão *antropologia ibero-americana*? Trata-se de discorrer sobre antropólogos ibero-americanistas, como, por analogia, se diz dos hispanistas, brasilianistas e americanistas? Ou *ibero-americana* se refere à abordagem, aos leques temáticos e aos enfoques? Ou essas coisas todas; ora separadas, ora reunidas como se fossem uma só?

Sejam quais forem as respostas, faz-se indispensável recorrer à História para alcançar o tema nos seus tópicos principais. De par com alguma forma de meta-antropologia. Um outro ponto essencial: a prática de uma disciplina efetiva-se não apenas com o que é realizado pelos seus expoentes, também esclarecendo os seus vínculos e veículos. No que correspondente ao indivíduo, suas obras. No coletivo, as instituições onde ‘nascem’ e ‘prosperam’.

«Ibero-América» significa, por obviedade, duas geografias, umas tantas culturas e outras quantas mentalidades. De um lado, o ‘ibérico’ remete a um espaço preciso, o da península ibérica<sup>1</sup> —isto é, Espanha e Portugal—; e do outro, as Américas.

Seja como parte de uma estratégia da política transnacional, seja como produto espontâneo dos contatos, assimilações e choques de culturas, a ideia ibero-americana tem um quê de paradoxal. Por um lado, o iberismo parece uma forma disfarçada de etnocentrismo ou de pan-nacionalismo contraditada ao incorporar a cultura colonizada —a americana— e sugere um uso mais aberto das fronteiras. As noções de centro e periferia podem ser questionadas por sua contradição intrínseca, numa abordagem pós-colonial. E ainda mais, se tivermos em conta o sugestivo oxímoro implícito numa ideia de cultura em que a alteridade esteja contida na identidade, e vice-versa.

Não é por acaso que o iberismo tenha sido posto em cena com maior ênfase no século XIX. Especialmente no contexto do colapso dos impérios coloniais de Espanha e Portugal. Durante as suas desintegrações, em meio às crises e à decadência, é

---

que melhor então potencializa-se como miragem ou projeção utópica a integração ou reintegração ibérica. Sem esquecer-se, porém, de que tal contexto é também, ou sobretudo, de afirmações do nacionalismo, seja no âmbito europeu, seja no americano. Ao longo do tempo, o iberismo e o ibero-americanismo sofreram e sofrem os obstáculos previsíveis nos Estados nacionais. Os obstinados iberistas devem ter compreendido então que, mesmo não sendo viável o iberismo na sua implementação política, ao menos que o fosse na cultura, e até mais forte, na hibridização inevitável de Espanha e Portugal com as ex-colônias. Mas, é somente com um olho de Polifemo que alguém pode mirar a cultura sem implicá-la na economia e, obviamente, na política.

O enfoque se concentra sobretudo naquelas áreas colonizadas por espanhóis e portugueses na América. Um grande conjunto físico que, por exigência geopolítica, e não apenas geográfica, se classifica em do Sul e do Norte, principalmente, mas sem esquecer-se do ibérico nas sutilezas da Mesoamérica.

Com a expressão antropologia ibero-americana busca-se distinguir, por específica, da generalização latino-americana. Nesta cabem não apenas portugueses e espanhóis e seus descendentes, mas franceses e italianos, entre outros, de origem latina. Além disso, a história e a cultura da América são muito mais do que a sua colonização europeia. Abrangem, é claro, além do elemento autóctone, diversas correntes migratórias, em tempos, métodos e propósitos variados.

Entretanto, com restringir o leque da antropologia ibero-americana, muito mais facilmente alcança-se o propósito de uma reflexão sobre temáticas e personagens. Cabe contar um pouco da história da antropologia na região focada em autores conscientes da ibero-americanidade e do ibero-americanismo, e na identificação dos pontos comuns a ligar o Brasil a Espanha e Portugal.

## **Antropologia**

Podem ser adotados os quatro subcampos da antropologia propostos pela escola estadunidense – biológica, arqueológica, cultural e linguística – ou os dois ramos clássicos tradicionais – antropologia física e cultural. Adotado um ou outro critério, o resultado, no caso da história da disciplina no Brasil, pouco diferirá dos de outros territórios – considerados periféricos ou não.

A antropologia que, primeiramente, conseguiu estabelecer-se como área do conhecimento reconhecida foi a física. É, portanto, natural que, no seu início, a antropologia brasileira ecoe, nos aspectos culturais e sociais, uma concepção de mundo assim biologizante. Como se então a antropologia, na sua inicial afirmação, pouco mais fosse do que o desdobramento da então chamada História Natural ou das Ciências da Natureza.

---

Admitindo-se a antropologia como um produto do Iluminismo, isto não significa que a prática antropológica, num sentido lato, tenha começado no século XVIII. Há, bem antes, muitos, digam-se, protoantropólogos.

Na especificidade do mundo ibero-americano, a partir dos chamados cronistas das Índias, pode ser notado um rico repositório de observações sobre a «aventura» antropológica por excelência que foram os Descobrimentos. As muitas identidades e alteridades em encontro.

De tal modo alguns desses cronistas realizavam um trabalho próximo do que viria a ser no futuro o dos antropólogos que Lévi-Strauss chegou a afirmar que o relato de Jean de Léry foi (*apud* José Honório Rodrigues) foi:

o primeiro exemplo de uma etnografia participatória cuja vivacidade e frescura são inigualáveis até o aparecimento de Malinowski. (...) Ele não somente viu os índios como eles nunca mais foram vistos, mas elaborou seu livro na ordem em que seria subsequentemente a das monografias: primeiro, antropologia física, depois ornamentos, alimentação, instituições como a guerra, a religião, as relações de família, o sistema político e finalmente a língua. Louva sua descrição dos ritos do canibalismo, que para ele figura entre as obras primas da literatura etnográfica de todos os tempos, superior mesmo à de Hans Staden, que escreveu de experiência própria, pois ele mesmo esteve para ser comido pelos índios. Como protestante ele compara os católicos e os índios, e sente-se que ele está dividido entre seus preconceitos religiosos e a sedução irresistível exercida sobre ele pelos índios. Ao contrário de seus contemporâneos — alemães, franceses e portugueses que viveram no Brasil —, ele trouxe de volta de sua estada de dez meses um trabalho cujas qualidades literárias e filosóficas são tão comprometidas que correram o risco de empurrar para trás seus méritos etnográficos. (RODRIGUES, 1979: 42)

Não se deve ignorar que os grandes protagonistas concorrentes e complementares dessa aventura — Portugal e Espanha — estabeleceram festas especiais para o Dia da Raça<sup>2</sup> e o Dia da Nacionalidade. Em ambos os casos, a história, ou melhor, a mitificação da história, serve como um dos principais instrumentos da propaganda identitária que, em coisas assim, não está desvinculada da afirmação do poder, seja refletindo ideologias ou mentalidades e práticas colonizadoras.

O «continente» ibero-americano é o resultado da superação das distâncias, ainda que não das fronteiras. Mas, em algumas das suas características individuais e coletivas, parecem muitas vezes os americanos, pelos traços tão repetidos, europeus transplantados. Os mesmos europeus que se nomearam a si com um mito — o de Europa<sup>3</sup> —, deram ao novo continente o nome de um dos seus navegadores, mitificando-o. Imaginação coletiva e ego em ação. O «continente» americano é o resultado de mesclas. De corpos, de almas, de espíritos, de mentes. De imaginações e de ações.

---

De colonizados. De colonizadores. Não esquecendo-se que esses últimos, antes de aportarem nas terras «brasileiras», já vinham de experiências anteriores de incursões, comércios e intercâmbios na Ásia e na África.

Os primeiros contatos dos conquistadores e exploradores advindos da península ibérica com o que no futuro seria o Brasil deram-se na parte Nordeste (ou Norte, como se disse, por muito tempo, generalizadamente).

Alguns estudiosos costumam apontar entre as diferenças das colonizações espanhola e portuguesa o fato de que a primeira se organizou, predominantemente, em vice-reinados, numa economia baseada na mineração, sobre indígenas avançados; e a segunda se fez em capitânias, dependente do cultivo da cana-de-açúcar, e contando, precariamente, de início, com aborígenes ágrafos, e depois, do indispensável trabalho dos escravos trazidos da África. Os espanhóis, com predomínio da escolha do interior dos lugares para os começos de sua conquista e exploração; os portugueses, do litoral.

Tal esquema não é apenas incompleto, exclui algo crucial para o futuro desenvolvimento dos países: a existência, no que diz respeito à educação, mais do que a catequese dos padres e o ensino religioso. A instalação de um sistema de educação que incluísse o funcionamento de universidades<sup>4</sup>.

Além de haver sido tão deletéria para os indígenas quanto (ou mais do que) a espanhola, a colonização portuguesa cuidou de que a Nova Lusitânia não contasse com imprensa livre nem universidades. O empreendimento lusitano de obscurantismo cultural foi mais exitoso do que a extração do pau-brasil, o cultivo da cana-de-açúcar e a exploração das minas. Como se sabe, as primeiras faculdades (Direito) foram instaladas no Brasil em 1827 (Recife e São Paulo). Três séculos após o início da exploração frenética do corpo da América (a terra e as mulheres) pelos portugueses<sup>5</sup>.

Na América hispânica a cronologia da educação é muito mais favorável<sup>6</sup>. Citam-se as universidades de São Domingos (1538), San Marcos (Peru, 1551), México (1553), Bogotá (1662), Cuzco (1692), Havana (1728) e Santiago (1738). No Brasil, seria necessário esperar pelo século XX, com a fundação, em 1912, da Universidade do Paraná. Isto, porém, não significa, uma generalização de cursos universitários por todo o país. Só a partir da década de 1930, outras iniciativas prosperam.

No Nordeste, especificamente, será necessário esperar até agosto de 1946, por uma universidade<sup>7</sup>: a do Recife (que, em 1965, se tornaria a Federal de Pernambuco), resultado da união de antigos cursos superiores. Os da Faculdade de Direito (1827), de Engenharia (1895), de Medicina (1927), de Belas Artes (1932) e de Filosofia (1941).

Pouco anos depois de fundar-se a Universidade do Recife (1946), formula-se o projeto de criação do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais (1949). Uma iniciativa do escritor e antropólogo Gilberto Freyre (1900-1987), então deputado

---

federal Constituinte. Para celebrar o centenário de nascimento do abolicionista Joaquim Nabuco (1849-1910), propôs Freyre a criação de um órgão que se ocupasse de estudar os problemas do Nordeste do Brasil<sup>8</sup>.

Em pelo menos meio século, dos setenta e poucos anos de sua história, a Fundação Joaquim Nabuco foi conduzida segundo a inspiração e até a ingerência direta de Freyre. Incluindo a nomeação do seu filho, Fernando, que esteve à frente daquela autarquia do Ministério da Educação por mais de três décadas. Sendo Gilberto Freyre antropólogo autodefinido como iberista, a Fundação que ele criou deve ser incluída, ao menos em parte, como parte essencial da antropologia ibero-americana no Nordeste do Brasil.

Para um retrospecto crítico tanto da trajetória intelectual de Freyre, quanto da história organizacional da Fundação Joaquim Nabuco, vale a pena ler os artigos de Paul Freston e de Antonio Motta. O primeiro, «Um Império na Província: o Instituto Joaquim Nabuco em Recife»; o segundo «Uma Antropologia à beira do mangue (Notas para uma história mais inclusiva da Antropologia no Brasil)».

O quadro traçado por Mariza Corrêa em «A Antropologia no Brasil (1960-1980)» não é só limitado no tempo, o é ainda mais no espaço. Ao ler-se esse seu texto sobre a antropologia *no Brasil* é possível aprender – diga-se com ironia – uma nova «geografia» e uma nova «história» do país, amesquinhado. Do título trazido no seu texto pela autora – «A Antropologia no Brasil» – e do que de fato, é o seu conteúdo, alguém pode deduzir que o Brasil é uma federação formada por dois estados apenas – São Paulo e Rio de Janeiro – e o Distrito Federal, isto é, Brasília. Uma visão ainda mais estrita e estreita esse tipo de historiografia de uma disciplina que a tal história Saquarema (isto é, aquela que privilegia os modelos e narrativas do Rio de Janeiro e de São Paulo, não raras vezes limitando-se a isso).

A Fundação Joaquim Nabuco, as muitas universidades localizadas no Nordeste e outras instituições são tópicos obrigatórios e óbvios da antropologia no Brasil. Não somente por critérios ‘regionalistas’. Por sinal, regionalismo é termo comumente empregado por uma visão de colonialismo interno. Sobretudo por alguns autores do eixo sudeste-sul que enxergam suas províncias como os centros de um sistema solar, resultando, nessa visão, as demais como meros satélites.

Alguns desses estudiosos atuantes no Sudeste e no Sul empregam critérios assim de paradoxal nacionalização de suas regiões<sup>9</sup>.

Vale a pena, ainda que breve, um olhar retrospectivo aos primórdios do Nordeste. Ao referir-se a etnografias quando ainda não estava sistematizada a antropologia é fundamental mencionar os viajantes, os cronistas da história e os folcloristas.

No âmbito das organizações cabe dar conta de outras iniciativas benéficas à antropologia ibero-americana não limitadas ao sistema de ensino universitário. Ir além dos órgãos governamentais é algo que deve fazer quem se ocupe de investigar o tema. Em busca de uma expressão, mínima que seja, das ações em prol da antropologia em geral, e da antropologia ibero-americana em particular.

---

## Uma grande síntese

Do que resultou o contato dos povos europeus, ameríndios e africanos nas Américas há duas grandes parcelas. Uma com a predominância da cultura anglo-saxã, outra da latino-americana, com larga margem de influência hispânica e lusitana. É deste último grande conjunto que resulta a questão da antropologia ibero-americana. Ainda que muitos dos portugueses sublinhem o ibérico e o iberismo como coisas espanholas. Tem-se assim tomando a parte pelo todo e o todo pela parte.

Vários dos portugueses – ilustres ou não – costumam ver o iberismo como perigoso e daninho aos seus interesses. Reflexo talvez ainda na mentalidade coletiva da antipropaganda das motivações e dos resultados da União Ibérica. O assunto, porém, transcende esse pouco mais de meio século de anexação de Portugal pela Espanha.

Teófilo Braga (1843-1924) gostava de comparar as nações a organismos vivos, sujeitos a doenças e morte. Reportando-se ao estudo de Adolphe Quetelet (1776-1874) sobre física social, ele se refere a que está quantitativamente plausível o número de anos de vida de uma nação, e observa: «Com relação à nacionalidade portuguesa, tristes apreensões nos assaltam; não é o pesadelo fantasmático do iberismo, porque esse só serve para exclamações patrióticas e missões secretas de diplomacia»<sup>10</sup>.

Nesse mesmo ano, uma notícia no *Diario de Pernambuco*, de 30 de julho de 1861, sobre a comemoração da restauração da independência portuguesa:

O governo, até hoje, segundo o testemunho insuspeito da associação nacional, não tem dado um passo no sentido de proibir esta manifestação. A imprensa de Espanha não vê com bons olhos este pacífico pronunciamento do povo português. Foi ela, porém, que o originara, provocando imprudentemente a nossa susceptibilidade nacional. Os folhetos sobre o iberismo, em que se festeja o princípio de anexação, aplicado a Portugal, continuam ali a aparecer. O povo português entendeu que devia protestar solenemente contra eles e fará muito bem, se, todavia, se contiver aos justos limites da prudência.

Outra nota, de 19 de dezembro de 1861: «Com fim de solenizar por meio de uma manifestação qualquer aquele dia aniversário da restauração de Portugal do domínio espanhol. É um brado contra o iberismo».

Alguns anos depois, o assunto continua vivo. Um correspondente do *Diario de Pernambuco* envia de Lisboa uma nota, publicada nesse diário em 6 de março de 1869:

Tornou de novo o iberismo para a tela da discussão. Uma folha de Madrid, a *Correspondência*, dizia anteontem (com toda a reserva) que se preparava em Lisboa uma manifestação militar a favor da união-ibérica. Esta notícia foi telegraficamen-

---

te anunciada para esta capital pela agência Havas. A imprensa de todas as cores e matizes políticos protestam contra a coluna. Entretanto, recrescem os boatos de novas e mais audazes tentativas da sonhada união.

Em Espanha, nas regiões oficiais, trata-se muito deste assunto, e parece também que em Portugal.

Produziu não pouca sensação em Lisboa um decreto, publicado pela *Gazeta de Madri*. o relatório ou preambulo do decreto parece uma proclamação ibérica. acrescenta-se que o governo espanhol decretara também que gozem os distritos espanhóis todos os portugueses que passem a residir no seu território. (...) Quanto mais repressivo for o sistema, e quanto mais amplo for o exercício das liberdades públicas no país vizinho, tanto mais fácil será aos propagandistas ibéricos o convencerem-nos de que a união ou federação planeada em Espanha não é tão absurda cousa, como se afigura. Eis aí, está, dizem os adversários do ministério, como o próprio governo indireta, mas eficazmente pode iberizar o país.

Trata-se, portanto, de uma recusa, no âmbito português, da ideia ibérica. Não apenas nesses contados exemplos da imprensa, mas nos meios políticos e académicos. As recusas se manifestam tanto nas negações explicitadas quanto nos silêncios e nas omissões.

Não obstante esses e outros argumentos, seria um erro generalizar o iberismo como sempre rechaçado pelos portugueses – inclusive nos seus mais famosos formadores de opinião<sup>11</sup>. Por outra parte, é um equívoco o de entender que basta ser espanhol para adotar o iberismo. Um, entre outros exemplos, de que espanhóis, inclusive do âmbito político, podem ser contra o iberismo está bem claro no trecho de uma entrevista de Primo de Rivera (1870-1930) ao escritor português António Ferro (1895-1956).

No texto «Crônica Beirã», datado de Madri, 17 de julho de 1924, publicado no jornal pernambucano *A Província*<sup>12</sup>, em 10 de outubro de 1924, têm-se estas declarações:

O Diretório Militar é partidário de uma política latina?

Tínhamos feito a mesma pergunta a Mussolini. O ditador italiano respondeu-nos com reservas. Primo de Ribera foi mais franco:

— A Espanha tem que seguir uma política sentimental, uma política de coração com as repúblicas sul-americanas e com Portugal... Toda a nossa outra política internacional será uma política de interesses que, muitas vezes poderá ser, simultaneamente, uma política de amizade...

— É então partidário duma política amigável com Portugal?

— Sou partidário duma política fraternal. É bom, porém, esclarecer este ponto. Eu sou um grande amigo de Portugal, mas um inimigo muito sincero do iberismo. Irmãos, sim, irmãos vivendo em casas diferentes... Nem desejo saber como Portugal se governa. A Espanha não tem que se meter onde não é chamada....

---

Vinte anos depois, o tema hispânico e ibérico sofre uma abordagem bem diversa, na conversa do brasileiro Murilo Marroquim com o espanhol Manuel Chávez Nogales. Em Londres. Um trecho do diálogo:

— Que papel pode ou deve desempenhar a Espanha no sentido de fortalecer um novo ciclo de política ibero-americana?

— Na América, os espanhóis já não temos mais do que um patrimônio puramente espiritual. O falangismo o arruinou miseravelmente, fazendo que o espanhol não seja considerado hoje, na América, senão como um ruim agente a serviço de uma ideologia estrangeira.

O falangismo acabou com a influência espiritual da Espanha junto aos povos hispano-americanos. pela primeira vez na história foram os povos latinos da América os que ditaram o caminho a seguir as velhas metrópoles latinas. Espanha, Portugal, França e Itália, convertidas em escudeiros do imperialismo germânico. Só depois que esta guerra houver terminado, poderemos vislumbrar se o hispano-americanismo, o iberismo ou a latinidade volverão a constituir alguma vez um vínculo real e efetivo. por enquanto, não<sup>13</sup>.

O Brasil tem preferido ser quase sempre, ao longo de sua história, uma espécie de *avis rara* no ninho da hispanidade. A ideia de Gilberto Freyre de incluir o Brasil como nação hispânica é uma iniciativa invulgar. Sobretudo quando se trata de recuperar a história das relações culturais dos países ibero-americanos entre si, e com seus ex-colonizadores e daqueles com suas antigas colônias<sup>14</sup>.

Antes de ser antropologia ibero-americana —cultural/social— do Nordeste, a antropologia foi história, medicina, psicologia, psiquiatria e ciência natural. Antes de ser feita pelos profissionais da antropologia, a etnografia das coisas ibero-americanas esteve no arbítrio livre dos viajantes e dos folcloristas.

Os antropólogos físicos arriscam também as interpretações sociais e culturais. Significa dizer que os rituais, os costumes, as práticas sociais, religiosas e artísticas são objetos de descrições e análises mesmo antes de consolidar-se a antropologia cultural no Brasil.

Para melhor situar a antropologia ibero-americana no Nordeste do Brasil, há que compreender, além de sua história, um pouco também de sua proto-história e de sua intra-história.

Sendo tão diverso em suas etnias, o Brasil é em grande homogêneo quanto ao clima. A quase total unidade linguística e religiosa contrasta com a imensa desigualdade socioeconômica.

É lugar-comum que os portugueses dão ao adjetivo ibérico um sentido de meio sinônimo de espanhol. Um breve percurso nos veículos de imprensa do fim do século XIX trará diversos exemplos disso. Mas um aprofundamento da questão poderia trazer talvez expressivos exemplos do contrário. Se não na quantidade, certamente na qualidade.

---

Em 1861/1862, Thomaz Ribeiro escreveu um poema épico em nove cantos. *D. Jaime ou a Dominação de Castela*. Como no registro da nota publicada no *Diário de Pernambuco*, em 19 de novembro de 1862, «o fim moral é exaltar a aversão portuguesa contra o Iberismo». Por ironia involuntária, a nota dá conta que «esta leitura lembra frequentes vezes o Romanceiro Espanhol».

Mais agudo foi outro redator, desse mesmo diário, em 2 de janeiro de 1863, quando noticiando o casamento da filha do rei Victor Emanuel com o rei D. Luís, vendo-o como uma reação ao iberismo: «Quando dois países assim revelam a sua mútua repulsão, dizemos com um publicista, parece que não pode haver perigo real para nenhuma das nacionalidades».

Um século depois, no dia 2 de julho de 1966, no território do Nordeste do Brasil, *Ibérico* é o nome de um frigorífico. De propriedade do português Amândio Fernandes. «De acordo com o Amadeu, do Leite [um restaurante popular no Recife, de quase um século], o nome Ibérico calhava bem ao frigorífico porque todos, inclusive os nativos da sociedade, eram ibéricos». E mais:

Todos descendemos do mesmo tronco iberista. Se o nome fosse Castela nem por isso deixaria de ser tanto luso como português, tais os vínculos que, em linguagem peninsular, unem a Espanha a Portugal. E assim com ares ibéricos ficaram todos durante a bênção pelo padre Lamego, ibero-luso; e, segundo o Amadeu, todos os ibero-brasileiros que, após a bênção, posaram para a tevê.

## **Antropologia ibero-americana**

A história da antropologia brasileira não precisa ficar limitada aos meios acadêmicos das universidades. Deve abrir-se às mais variadas instituições, e focar personagens independentes e eventos significativos.

Em 1878, ao festejar-se o terceiro centenário de fundação de Buenos Aires foi proposta a realização de um Congresso Científico Sul-Americano.

O autor mais proeminente da antropologia brasileira era então Ladislau de Souza Mello Netto (1838-1894), nascido em Alagoas, no Nordeste do Brasil. A respeito daquele congresso ele dirigiu uma carta à Sociedade Científica Argentina. A resposta dada pelo secretário da instituição foi reproduzida no jornal baiano *O Monitor*, no dia 27 de dezembro de 1878:

Buenos Aires, 25 de outubro de 1878:

Sr. Dr. Ladislau Netto. Muito lhe agradeço a sua valiosa colaboração para a obra benéfica do Congresso Científico Sul-Americano.

Aceitando o seu pensamento de que o principal assunto do congresso devia ser o homem americano, o propus à sociedade. Ela o sancionou e ficou assentado que

---

o congresso se reunirá para ocupar-se de antropologia e de arqueologia sul-americanas. Já lhe envio um esboço do meu discurso na Sociedade Científica, o qual conclui com o projeto que foi aprovado.

Em breve estará terminado o regulamento do Congresso, que lhe será remetido. Convém que a ideia seja popularizada em todo o sul da América, e neste intenso lhe escrevo a fim de que haja quem disso se interesse na corte, para que a sua imprensa nos preste seu valioso e ilustrado concurso.

Remeto-lhe também um exemplar de meu último livro, intitulado *Conquista de quinze mil léguas*. Creio que o ilustrado imperador do Brasil não será indiferente à grande operação militar de que trata o meu livro; e por isso rogo-lhe o favor de fazer chegar às mãos de Sua Majestade o exemplar que para isso junto lhe envio. Seu afeiçoado – Estanislao Zeballo.

O campo de especialização de Ladislau Netto era a botânica. Porém, ao ser nomeado diretor substituto do Museu Nacional, em 1870, e seis anos depois ser efetivado no cargo pelo imperador D. Pedro II, pisava num solo seguro, pois, naquele tempo, de menos ênfase nas especializações, num museu tão amplo como o Nacional conviviam e interagiam a história, a antropologia, a biologia e a arqueologia. Foi ele, em 1876, o fundador da *Revista do Museu*.

No plantel dos cientistas contratados por ele para o museu nota-se a predominância dos de origem germânica. Nada a estranhar, tratando-se de uma época em que tanto prosperou a germanofilia. No entanto, cabe prudência, para evitar uma generalização desse raciocínio, extensivo a todos os campos do conhecimento. Não esquecer que, até à época da II Guerra Mundial o Brasil, estava colonizado mentalmente pelos franceses, e tudo o que dizia respeito às letras e belas artes reportava-se a Paris. No entanto, na antropologia, principalmente a criminal, a influência maior provinha da escola italiana.

Foi sob o comando de Ladislau Netto que se realizou, em 1882, a Exposição Antropológica<sup>15</sup> no Museu Nacional, considerada uma das mais importantes do século XIX. Mais de mil visitantes, nos três meses da mostra. Exposição tanto de objetos quando de sujeitos, haja vista que ali, na sede, na quinta da boa vista, também esteve em exposição um grupo de índios botocudos e xerentes. Do Nordeste – que teve uma participação discreta – houve peças do Instituto Arqueológico e do Liceu do Ceará, do Museu de Alagoas, do Instituto Onze de Agosto do Maranhão, e de colecionadores particulares.

Além de Zeballos, um outro nome de relevo no mundo ibero-americano, naquele tempo, foi Francisco Moreno, fundador e diretor (1881) do Museu Antropológico e Arqueológico de Buenos Aires. É de Moreno uma carta datada de 8 de outubro de 1881, em que ele, muito antropológicamente, estabelece uma espécie de comparação entre as instituições e coincidência de suas ideias com as de Ladislau Netto. Num excerto da carta isso está bem claro:

---

Acabo de ver nos diários daqui transcrições de uma preciosa comunicação referente à antropologia do Brasil. Casualmente, fiz, há dias, nesta cidade, na sociedade científica, uma conferência sobre a arqueologia e a antropologia americana, na qual muitas ideias concordam com as suas. Creio que reunindo nossas forças poderemos obter com os trabalhos do Brasil e da República Argentina o segredo da população e imigração das raças que viveram em ambos estes países. Meus estudos, ainda que elementares, me demonstram o grande valor do estudo do homem ante colombiano argentino, estudo que para levar-se ao seu termo é necessário ligá-lo com o dos homens pré-históricos do Brasil, Peru, Bolívia, México, Estados Unidos etc. ser-me-ia mui agradável conhecer suas opiniões a este respeito, e esperando que me dê o prazer de sua resposta, sou etc. F. Moreno – Buenos Aires, outubro, 8, de 1881.

A antropologia então avizinhava-se da arqueologia e da biologia, e mesmo os assuntos culturais estavam subordinados a uma visão naturalista. Sob esse olhar floresceu o primeiro grande nome da antropologia no Nordeste do Brasil: o maranhense Raimundo Nina Rodrigues (1862-1906), projetado nacionalmente a partir dos seus trabalhos desenvolvidos na Bahia<sup>16</sup>. Destacou-se na antropologia criminal, usando e abusando das teorias lombrosianas. Por mais que os jornais no Brasil, já em 1892, noticiassem que as ideias de Lombroso tinham sido muito atacadas no congresso internacional de antropologia que houve em Bruxelas, naquele ano<sup>17</sup>.

Se há vícios que marcam o corpo, outros contaminam o intelecto. Estes não são frutos apenas das limitações individuais de cada, contaminam coletivamente. As abordagens biologistas, eugenistas, e até racistas, não se limitavam, no tempo em que viveu Nina Rodrigues, aos antropólogos. Alcançavam historiadores e sociólogos de alto prestígio como Oliveira Lima e Oliveira Vianna.

De um jeito ou de outro, a antropologia ibero-americana no Nordeste do Brasil, tanto naquele tempo quanto ao longo das décadas, foi sempre mais americanista que iberista. Ocupou-se muito mais dos indígenas e dos assuntos africanos que das comparações da cultura popular do Brasil profundo e dos fenômenos similares nas «matrizes» portuguesas e espanholas.

Um exemplo, entre outros, é a notícia publicada no jornal paraibano *O Norte*, em 28 de julho de 1914:

Seguiu ontem para Natal o Dr. Antonio Carlos Simões da Silva<sup>18</sup>, presidente do Instituto Histórico e Geográfico fluminense que percorre o Norte do Brasil angariando adesão ao congresso de americanistas a reunir-se em Washington. Adesão do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano, o Liceu Paraibano, a Biblioteca Pública e o Arquivo Público.

---

No entanto, um ano antes, no Recife, o IV Congresso de Geografia dedicou sua oitava sessão à antropologia e etnografia. Conforme noticiou o mesmo jornal, em sua edição de 18 de julho de 1913.

Numa ainda por fazer cronologia de eventos e declarações marcantes a favor do ibero-americanismo no Brasil sublinhe-se o nome de Cristiano Cordeiro. Em 1923, saudando uma conferência de Carlos Angulo y Cavada, ele disse coisas que continuam válidas quase um século depois<sup>19</sup>.

É um novo cavaleiro andante de um novo ideal: o ibero-americanismo. e de nós quase nada requer: um pouco de atenção apenas e alguma simpatia. se lhe dermos esse 'pouco' teremos dado 'tudo' que ele deseja, pois, não obstante o grosseiro materialismo deste quartel de século, ainda mais cínico e vilão nesta fase anárquica e agônica da civilização individualista em que tudo é objeto de mercancia, até mesmo a honra, o sr. cavada realiza o incrível milagre de ser apóstolo. (...)

Mas o idealismo do sr. Angulo y Cavada não é superficial e fantasista, antes, tem sua razão de ser nos fatos da vida mesma, radicado que se acha em fundamentos históricos corretos e positivos. Realismo e idealismo são nele termos complementares de um só processo de ação. (...)

Sem dúvida nenhuma mais consistente e perto da realidade como ideal político é o ibero-americanismo do que o pangermanismo, desmoralizado hoje em dia pela prática do monroismo, depois de um século de política imperialista, leonina ou vulpina, conforme o caso; e a cujo sabor a Sul América não passa de um grandioso presunto geográfico (E. Prado). Certamente, não significará esse movimento a absorção do americanismo pelo iberismo, pois não é possível voltar integralmente ao passado, mas a adaptação do iberismo ao americanismo, atraído o primeiro pelas sugestões de força e de beleza do Novo Mundo, do mundo que criou. Pois não é através dos filhos que se afirma a imortalidade dos pais?

O feminismo também figura como pedra de toque no programa do ilustre escritor peninsular. Pensará, certamente, inteligente e culto como é, que o homem nunca será livre enquanto a mulher permanecer escrava. Por isto a frase 'na mulher não se bate nem com uma flor' não significa para ele palavras de efeito retórico, apenas, ou um simples galanteio, mas uma norma deliberada de conduta, um verdadeiro postulado de moral social.

Estas são as ideias que o ilustre hóspede vem semear entre nós, neste belo rincão que o sol dos trópicos fecunda. Que elas encontrem em nossos corações ambiente propício, e que neles germinem e deem bons frutos, como as boas sementes, na seara de Booz. Para que isto suceda, será mister uma situação moral compatível, que só poderemos alcançar com a desmobilização geral dos espíritos, como em resposta ao filósofo Bergson, membro da comissão de Cooperação Intelectual da Liga das Nações, aventou José Ingenieros, esse valoroso espírito, que possui o segredo de ser sábio e profundamente humano, antes de ser patriota argentino.

---

Isto feito, menos difícil ser-nos-á então entrever, através a espessa cerração, de preconceitos, que por desgraça ainda envolve a mentalidade do homem moderno, – o verdadeiro El-Dorado, onde domina como *idea mater*, irradiando força, graça e alegria de viver, essa encantadora Dulcinea, que é a Fraternidade humana. Senhores e senhoras: desmobilizem os espíritos e elevemos o pensamento à Fraternidade – única atitude digna que podemos assumir em presença do ilustre escritor estrangeiro que ora nos visita, sr. Carlos Angulo y Cavada, paladino de uma nova fé, cavaleiro andante do ideal grandioso de confraternização dos povos, propugrador entusiasta do movimento regenerador de emancipação social da mulher. E que por tudo isto seja ele muitas vezes bem-vindo nesta casa, e nestas plagas.

O que poderia prosperar desse quixotismo ibero-americanista tão destacado por Cristiano Cordeiro? Três anos depois da publicação do seu artigo, o *Diário de Pernambuco*, em sua edição de 22 de julho de 1926, noticiava uma biblioteca ibero-americana na capital dos Estados Unidos da América. A do diplomata e historiador brasileiro Manuel de Oliveira Lima (1867-1928).

Do relatório da sua Biblioteca Ibero-Americana que ele acabara de então enviar ao reitor da Universidade Católica de Washington constavam as pesquisas sobre a literatura argentina (por Alfred Coester). O último apontamento destacava: «O intelectual brasileiro Gilberto Freyre veio encontrar aqui material valioso para os seus estudos do passado do Brasil».

Foi a partir de Gilberto Freyre (1900-1987) que a ideia e a prática da antropologia ibero-americana se tornaram mais consistentes no Nordeste do Brasil. Na sua própria obra de antropólogo, e em outras que orientou, sugeriu ou inspirou. Embora uma hipotética nova Escola do Recife girasse em torno de sua figura, não se pode afirmar que tenha tido propriamente discípulos. A ele se associa muito mais a palavra *influência*, e a que exerceu foi ampla, em autores de diferentes gerações.

Foi a sua influência direta e do congresso afro-brasileiro que organizou em 1934 que direcionaram à antropologia o médico René Ribeiro (1914-1990). Nascido no Recife, esse antropólogo formou-se em Medicina na sua cidade e fez mestrado em antropologia na Northwestern University, nos Estados Unidos. Além de professor titular de antropologia da Universidade Federal de Pernambuco, foi um dos fundadores da Associação Brasileira de Antropologia, que chegou a presidir. Seus trabalhos de maior relevância são os que realizou sobre a cultura afro-brasileira, especialmente no campo da antropologia da religião.

Ribeiro dirigiu por muitos anos o departamento de antropologia da Fundação Joaquim Nabuco, concentrando-se sobretudo nos estudos da cultura afro-brasileira. O seu sucessor ali, o alagoano Estevão Pinto (1895-1968), preferiu destacar os estudos indígenas. Ele foi um egresso da Faculdade de Filosofia de Pernambuco, que dirigiu, e onde era professor de antropologia e etnografia. Atuou em diversas instituições científicas, entre as quais a Sociedade de Americanistas, em Paris. No

---

campo da antropologia, sobressaem-se os seus livros de antropologia indigenista, como *Os indígenas fazem o Nordeste*, em dois volumes, *Etnologia brasileira: fulniô, os últimos tapuias*, *Introdução a história da antropologia indígena no Brasil*. Não menos interessantes é sua própria interpretação da história da antropologia no Brasil, em livros como *A antropologia brasileira*, de 1952, e *Introdução à história da antropologia*, em cinco volumes (1964-1966).

Outro que desenvolveu sua carreira na antropologia em torno de Freyre foi o médico Waldemar Valente (1908-1992). É relevante o seu trabalho em torno da cultura afro-brasileira, exemplificados em ensaios como *O sincretismo religioso afro-brasileiro*. Traduzido e publicado em francês pelo Centro de Altos Estudos Afro-Ibero-Americanos, da Universidade de Dakar, no Senegal, foi o estudo de sua autoria intitulado *Sobrevivências daomeanas nos grupos de culto afro-nordestinos*.

Importante a atuação de Valente na antropologia, mas não menos no folclore e na história, com ensaios como *O padre Carapuceiro e a crítica de costumes no Brasil da primeira metade do século XIX*. Foi um dos mais atuantes no Seminário de Tropicologia, evento acadêmico instituído por Gilberto Freyre, nos anos 1970, seguindo a metodologia inventada pelo sociólogo austríaco-estadunidense Frank Tannenbaum (1893-1969). Mas, sobretudo um esforço de continuidade da sua principal contribuição na construção de uma teoria científica geral no âmbito da antropologia ibero-americana: a luso-tropicologia, que ele expandiu em hispano e ibero-tropicologia.

Outro antropólogo nascido em Alagoas foi Arthur Ramos (1903-1949). Sua grande produção bibliográfica, inclui desde estudos do folclore, aos de educação e a psicologia. E igualmente sólida é a produção voltada para a cultura indígena e afro-brasileira.

Alagoano também é Manuel Diégues Júnior (1912-1991). Ainda muito jovem ele participou do I Congresso Afro-Brasileiro, dirigido por Gilberto Freyre, no Recife, em 1934. Como outros de sua geração, fez-se notável como folclorista, mas logo enriqueceu e diversificou o seu trabalho.

Para que não se pense que a antropologia no Nordeste do Brasil – e até mesmo a do país no conjunto – é apenas o samba de duas notas só – a indígena e a afro-brasileira –, as produções de Diégues Jr., juntamente com a de Câmara Cascudo, Silvío Júlio e Gilberto Freyre, serviriam para dar sentido à expressão antropologia ibero-americana. Vale a pena ler o estudo sobre os *Ciclos temáticos na literatura de cordel (tentativa de classificação e de interpretação dos temas usados pelos poetas populares)*, incluído no seu livro *Literatura popular em verso* (Casa Rui Barbosa, 1973). Como lembra Castro Faria:

M. Diégues Júnior já era um autor consagrado quando foi realizada a I Reunião Brasileira de Antropologia, por iniciativa do Museu Nacional (Rio de Janeiro, 8-14 de novembro de 1953). Ele foi convidado a apresentar trabalho relativo à temática da aculturação e assimilação, limitada às populações de origem portuguesa

---

e os imigrantes de várias origens. A sua exposição sobre o tema tomou-se mais tarde um dos volumes de pequeno formato da coleção Os Cadernos de Cultura, do MEC, dirigida por Simeão Leal. Recebeu o título de Estudos de Relações de Cultura no Brasil (1955), e oferece uma bibliografia numerosa e classificada por assuntos (Faria, 1993: 231).

Do específico ao olhar mais amplo de Diegues Júnior é o livro *Etnias e culturas no Brasil*, ampliado em *Regiões culturais do Brasil*.

A antropologia ibero-americana do Nordeste estacionou nos seus grandes clássicos modernos, vale ressaltar que, nos últimos vinte anos, a antropologia ibero-americana vem sendo muito impulsionada. Sobretudo graças a intercâmbios ibero-americanos efetivos, principalmente com a Espanha. Um dos mais intensos e constantes impulsos desse esforço ibero-americanista vem sendo dado pelo programa de pós-graduação em antropologia dirigido na Universidade de Salamanca, sob a liderança do professor Ángel Espina Barrio. Nada mais simbólico – e efetivo – que o fruto mais recente disso haja sido a tese de doutorado do espanhol Pablo González Velasco. Defendida em outubro de 2021, enquanto estava sendo concluída a redação deste artigo, a tese trata da constante iberista em Gilberto Freyre.

Mais de duas décadas antes disso, a Universidade de Salamanca passou a impulsionar a antropologia ibero-americana do Nordeste do Brasil. Por intermédio dos cursos de pós-graduação e dos congressos acadêmicos dirigidos pelo já mencionado professor Ángel Espina Barrio.

Quase duas gerações já de pesquisadores vêm desenvolvendo suas pesquisas sobre variados aspectos da realidade brasileira, e muitas vezes com abordagens comparativas, seja com a Espanha ou países hispânicos e lusitanos. Por vezes as questões da etnopsiquiatria, da história das religiões e suas interrelações com o turismo, como os fenômenos dos disciplinantes e penitentes de La Rioja e do Ceará (no Brasil).

Um grande leque temático, que abrange a imigração, as questões de gênero, a antropologia do corpo e das imagens. São abordagens tão diversificadas quanto o Nordeste do Brasil, o rural e o urbano, a problemática as famílias, os indígenas, as artes etc.

Em mais de vinte anos de colaboração com instituições acadêmicas e culturais do Nordeste Brasil, o professor Espina Barrio tem também realizado seus próprios trabalhos de campo no Brasil, especialmente no âmbito das religiosidades e festas – o caso da Virgem da Conceição, no Recife, da Paixão de Cristo em Nova Jerusalém (Fazenda Nova, no agreste de Pernambuco), e no Carnaval do Recife e de Olinda.

A partir do seu estímulo e orientação, outros pesquisadores espanhóis e brasileiros vêm estudando e propondo novas interpretações da antropologia indígena e dos cultos afro-brasileiros.

Os pesquisadores mais atuantes nesse longo e amplo trabalho de estudos, cooperação e intercâmbio com a Universidade de Salamanca têm sido os de Pernambuco, Ceará e Bahia.

---

Além de mais de uma dúzia de teses de e sobre assuntos da antropologia ibero-americana, devem ser mencionadas várias atividades do Programa de Antropologia da Universidade de Salamanca, com instituições científicas e de cultura do Nordeste brasileiro. Com eventos realizados em conjunto com a Fundação Joaquim Nabuco, a Universidade Federal de Pernambuco, o *Diário de Pernambuco*, o Tribunal de Contas do Estado de Pernambuco.

Desses diversos eventos, merece relevo especial o Congresso Internacional «Inovação cultural, Patrimônio e Educação», promovido pela Fundação Joaquim Nabuco, em conjunto com a USAL, que foi a 24ª. versão do Congresso Internacional de Antropologia Ibero-Americana. No Recife, nos dias 26, 27 e 28 de novembro de 2008.

A mesma Fundação Joaquim Nabuco, por intermédio de sua Editora Massangana, realizou uma série de edições, que marcam o desenvolvido da antropologia ibero-americana no Nordeste do Brasil, como o *Manual de Antropologia Cultural e Freud e Lévi-Strauss*, ambos de autoria de Espina Barrio. E mais: livros que resultaram de diversos congresso temáticos, como: *Poder, política e cultura; Conhecimento local, comunicação e interculturalidade; Antropologia aplicada na Ibero-América* (edição impressa em papel e eletrônica); *Medicina indígena na Mesoamérica*, de Alfonso Aparício Mena (tradução de Luiz Nilton Corrêa); *Antropologia de Ibero-América. Estudos socioculturais no Brasil, na Espanha, no México e em Portugal* (edição eletrônica); e *Inovação Cultural, Patrimônio e Educação*.

Além desses livros, podem também ser citados como parte dessa cooperação em prol da antropologia ibero-americana no Nordeste do Brasil alguns artigos publicados em revistas de divulgação cultural como *Massangana* (da Fundação Joaquim Nabuco) e *Continente* (da Companhia Editoria de Pernambuco). Tudo é uma prova das ricas e férteis possibilidades de um trabalho conjunto dos estudiosos e das instituições dos dois lados do Atlântico, indicando possibilidades para que ainda mais se desenvolva a antropologia ibero-americana do Nordeste brasileiro, de vocação internacional e ultrapassando os limites das fronteiras e geografias, e, com isto, suplantando as velhas noções de centro e periferia.

## Referências bibliográficas

- Corrêa, Mariza (1995). In Miceli, Sergio (org.). *História das ciências sociais no Brasil*, vol. 2. Sumaré.
- Faria, Luiz de Castro (1993). *Anuário Antropológico/91*. Tempo Brasileiro.
- Freston, Paul, in Miceli, Sergio (org.) (2001). *História das ciências sociais no Brasil*. 2ª. ed. Sumaré.
- Guerrero, Andrés de Blas. (Dir.) (1999). *Enciclopedia del nacionalismo*. Alianza Editorial.

- 
- Holanda, Sergio Buarque de (1995). *Raízes do Brasil*, 26a edição. Companhia das Letras.
- Mérou, Martín García (1900). *El Brasil intelectual*. Félix Jouane Editor.
- Motta, Antonio. In Campos, Roberta Bivar C. e outras (org.) (2017). *A nova escola de antropologia do Recife: ideias, personagens e instituições*. UFPE.

## NOTAS

1. A expressão ‘Península Ibérica’ tem sua história, e sofre certo grau de arbitrariedade. Por isso, pouco útil será discutir exatidões e precisões no uso do termo ‘ibérico’. Há os que, para desmerecer o facto de que a península liga de modo comum a Espanha e Portugal, rememoram a presença céltica e de outros povos, e não apenas a ibérica.

2. Como o Catolicismo, que celebra os seus santos no dia da sua morte, Portugal festeja sua cultura no dia da morte do seu poeta nacional por excelência, Luís Vaz de Camões (c. 1524-1579 ou 1580), autor da epopeia *Os Lusíadas*. É, por extensão, esse 10 de junho, o Dia da Raça, a palavra tomada como sinónimo de povo, de cultura. Tudo isso se resume no termo portugalidade. Com o golpe de Estado que pôs fim ao salazarismo, em 1975, houve uma ligeira alteração na designação do 10 de junho: Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas. Desde o ano de 2013, é também celebrado na Extremadura (Espanha). O equivalente a isso na Espanha é o dia da Hispanidad, que, no caso, toma como pretexto a celebração, não de um homem das letras como Portugal, mas o descobrimento e conquista das Américas.

3. Note-se que o poeta português Fernando Pessoa, não ignorando esse mito, refere-se a ele, num dos poemas do seu livro *Mensagem*: «A Europa jaz, posta nos cotovelos:/ De Oriente a Ocidente jaz, fitando,/ E toldam-lhe românticos cabelos/ Olhos gregos, lembrando./ O cotovelo esquerdo é recuado;/ O direito é em ângulo disposto./ Aquele diz Itália onde é pousado;/ Este diz Inglaterra onde, afastado,/ A mão sustenta, em que se apoia o rosto./ Fita, com olhar esfíngico e fatal,/ O Ocidente, futuro do passado./ O rosto com que fita é Portugal».

4. O reconhecimento dos problemas da educação era evidente aos intelectuais brasileiros. O escritor argentino Martín García Mérou, no livro *El Brasil intelectual*, menciona José Verissimo, ao deplorar «la desorganización de la instrucción pública en el Brasil, primaria y superior, industrial o profesional, ‘la carencia de una escuela superior de literatura o de ciencias, donde se pueda estudiar la antropología y la lingüística, la historia de las religiones y la Filología, las lenguas orientales del grupo indo-europeo o del grupo semítico, las lenguas románicas, la etnología, la paleografía, la filosofía, las literaturas antiguas y modernas, en fin todo ese formable trabajo intelectual que se hace a nuestro alrededor y al que permanecemos prácticamente extraños» (Mérou, 1900: 101)

5. Duas décadas antes, em 1808, quando da instalação da corte portuguesa ao Rio de Janeiro, foram criadas a Escola de Cirurgia da Bahia e a Escola Anatômica, Cirúrgica e Médica do Rio de Janeiro (abrigada no Hospital da Misericórdia).

6. Sergio Buarque de Holanda, que menciona 23 iniciativas de universidades na América Hispânica, em *Raízes do Brasil*, também mostra os números dos estudantes formados: «O desaparecimento de vários arquivos universitários, como os de Lima e Chuquisaca, é uma das razões

---

da falta de dados precisos sobre o número de estudantes diplomados por esses estabelecimentos. Contudo não seria exagerada a estimativa feita por um historiador, que avalia em cerca de 150 mil o total para toda a América espanhola. Só da Universidade do México sabe-se com segurança que, no período entre 1775 e a independência, saíram 7850 bacharéis e 473 doutores e licenciados. É interessante confrontar este número com o dos naturais do Brasil graduados durante o mesmo período (1775-1821) em Coimbra, que foi dez vezes menor, ou exatamente 720» (Holanda, 1995: 119).

7. A ideia de uma universidade recifense vinha de décadas anteriores. Em agosto de 1912, uma nota da Liga de Instrução de Pernambuco menciona uma reunião acontecida no Liceu de Artes e Ofícios para «assentar as bases da universidade popular que aquela associação pretende inaugurar dentro de poucos dias». Nas bases da Universidade Popular do Recife, no seu artigo 2., dispunha: «O programa universitário comportará todas as ciências e conhecimentos úteis: astronomia, cosmologia, geografia, ciências físicas e naturais, antropologia, higiene, psicologia, linguística, lógica, estética, demografia, direito, economia política, pedagogia, sociologia, política, história das artes, etc.». No parágrafo único informava-se: «Serão excluídas as questões de literatura pura».

8. Em janeiro de 1928, durante a realização de um Congresso de Higiene em Salvador da Bahia foi aprovada a criação de uma sociedade brasileira de antropologia, segundo notícia do *Jornal do Recife*, em 19 de janeiro de 1928.

9. Vale a pena considerar o que propõe Eduardo Restrepo, uma abordagem crítica, em *Antropología y estudios culturales - disputas y confluencias desde la periferia*. Sobretudo «poniendo el énfasis en la relevancia de un enfoque sistémico que dé cuenta de las implicaciones contradictorias de las desigualdades estructurales en el campo antropológico transnacional». (Restrepo, 2012: 15)

10. Transcrição de trecho do livro *Soluções positivas da política portuguesa*, de Teófilo Braga, no jornal *O Democrata*, Pernambuco, 6 de março de 1880.

11. Iberista convictos foram José Saramago e Eça de Queirós. Sobre este último, ao tecer considerações sobre um trabalho de Ernesto Guerra da Cal, afirma Moacir de Albuquerque: «Até do iberismo de Eça trata Guerra da Cal. Iberismo salientado por Emilia Pardo Bazán, que assevera: 'Não vejo quem na Espanha se compare com ele'. E por Unamuno (...), não logra ocultar o que tem de essencialmente ibérico. Português ibérico, universal - eis o substrato espiritual de Eça. (*Diário de Pernambuco*, 18 de agosto de 1957).

12. Originalmente, o texto saiu publicado no *Diário de Notícias*, de Portugal.

13. *Diário de Pernambuco*, 7 de julho de 1944.

14. Já em 1925, no Livro do Nordeste, por Gilberto Freyre organizado, menciona-se que na região «avivou-se aqui [isto é, na região] o espírito hispânico».

15. A Exposição Antropológica Brasileira foi inaugurada nos Salões do Museu Nacional, em três secções: a 1a., a de antropologia propriamente dita; a 2a de arqueologia e a 3a de etnologia. (segundo notícia do *Publicador Maranhense*, de 28 de fevereiro de 1882.

16. Um registro de admiração pelo trabalho de Nina Rodrigues é este de José Lourenço, publicado no *Diário do Maranhão*, em 23 de agosto de 1906: «Nina Rodrigues é um nome prezado pelos brasileiros que ainda conservam a paixão do trabalho e a inteligência da verdade. Pertence-lhe o que de melhor se tem publicado sobre a antropologia criminal e a medicina forense na américa do sul. em dez anos há produzido cerca de vinte e cinco monografias – coisa espantosa

---

numa terra de sábios... inéditos». O ano de 1906, o da publicação dessa nota, e da menção às «vinte e cinco monografias», foi também o da morte de Nina Rodrigues, em Paris. Tinha 43 anos de idade.

17. Ver: *Jornal de Notícias*, Salvador, Bahia, 22 de dezembro de 1892, p. 2.

18. Cinco anos depois, ele estava de novo em peregrinação pelo Norte do Brasil angariando apoio para um novo congresso de americanistas, a realizar-se, em 1919, no Rio de Janeiro, então capital federal. Simões da Silva é um outro personagem notável da história da antropologia no Brasil menos conhecido atualmente do que merece. Além de sua produção intelectual deixou como legado nada menos que um museu, com o seu nome, e a que se referiu nestes termos: «Há sessenta e um anos que eu trabalho para as minhas coleções. O museu é a minha vida. Guardo tudo. Tenho todos os retratos dos meus antepassados. Coleciono jornais, caricaturas, tudo. Vivo viajando e por onde passo trago uma lembrança. Na vida, o que me interessa são as coisas esquisitas».

19. Artigo publicado no jornal pernambucano *A Província*, 10 de outubro de 1923.